

## TRADUÇÃO, APRESENTAÇÃO E NOTAS A 7 POEMAS GREGOS DA ANTOLOGIA PALATINA

Élton Barbosa Bittencourt (PIBIC/CNPq/FA/Uem),  
Luiz Carlos André Mangia da Silva (Orientador), e-mail: bbhlton@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

**Linguística, Letras e Artes; Literaturas Clássicas.**

**Palavras-chave:** tradução, poesia helenística, epigrama

### Resumo:

O presente trabalho consiste nas traduções de 7 epigramas gregos presentes na *Antologia Palatina*, antologia que reúne poesia composta por variados autores de várias épocas e lugares da Grécia. Dentre os 15 livros que compõe essa antologia, nosso *corpus* é composto por 44 versos e está abrigado no Livro V, de tema erótico, e se encontra em grego no original; e o critério de sua seleção foi a menção do nome próprio Melissa. O processo da pesquisa constituiu-se, primeiramente, de levantamento lexical e morfossintático das formas em grego, seguido da tradução propriamente dita e os comentários específicos com fins interpretativos. No decorrer do processo tradutório, os textos foram cogitados com traduções de edições críticas de outras línguas para buscar solucionar as dificuldades lexicais e sintáticas apresentadas. Dentre os poemas traduzidos, serão apresentadas as traduções de apenas três: 15, 27 e 94; todos do poeta Rufino.

### Introdução

O epigrama é um gênero de escrita que nasce com o objetivo prático de indicações gerais, epigrafia, e, literalmente, significa “escrever sobre”. Com o tempo ele se desenvolve e passa a receber tratamento literário e a ser cultivado em vários ambientes cultos, dentre eles, os banquetes ou simpósios.

Por ser uma forma breve, o epigrama apresenta grandioso número de composições. A *Antologia Palatina*, apresenta mais de três mil e quinhentos epigramas gregos organizados em 15 livros e é uma antologia organizada com base em outras antologias de epigramas anteriores, justificando tamanha dimensão. Cada livro adota um tema como critério de organização – epigramas funerários, eróticos, conviviais e etc. – e grande parte dos exemplares não ultrapassam quatro ou cinco pares de versos, sendo a extensão mínima, via de regra, de um dístico.

O estudo da literatura helenística foi muito ignorada em detrimento da literatura clássica e arcaica há até algumas décadas, percebe-se bem isso em autores renomados da antiguidade como Albin Lesky e Maria Helena da Rocha Pereira, quando consagram pouquíssimas linhas à literatura helenística e ao epigrama. Esta chega até dizer que “A erudição, o gosto da análise e do pormenor, a preocupação

do rigor, sob as quais a invenção geralmente sufoca, tiveram vantagem de constituir o clima ideal para os estudos científicos [...], mas não para a arte.” (ROCHA PEREIRA, 2006, p. 559). Essa visão, contudo, encontra-se ultrapassada e o fato que comprova isso é o crescente aumento, ao redor do mundo, da bibliografia especializada sobre o período. Silva, 2013, defende que embora antigo na civilização grega e de origem pragmática e com valor estético rudimentar, “Durante a época helenística da literatura grega (323-30 a.C), o epigrama converteu-se numa das mais importantes formas poéticas, ao ponto de a maior parte dos autores dedicar-lhe sua atenção.” (SILVA, 2013, p.1) e “ seu apreço é atestado não só pela quantidade de poemas que nos restaram dessa época, mas também pela qualidade de alguns desses textos.” (SILVA, 2013, p.1).

SALLES, 1983, por sua vez, nos diz que a concepção do prazer para os antigos é como um conjunto harmonioso, cujo cenário, por excelência, é uma reunião de bebedores chamada *symposium* ou banquete. “O banquete, que era para os antigos o lugar de encontro por excelência, obedece [...] a um complicado cerimonial, onde é difícil dizer o que pertence ao acessório ou o que corresponde a motivações profundas. (SALLES, 1983, p.101) Nos epigramas eróticos, com frequência a ambientação é o banquete, e a classe de mulher que geralmente aparece retratada é a cortesã, *hetaira* em grego, uma mulher de classe mais elevada que a prostituta e que tem por ofício entreter os homens do banquete, que podem, ou não, virem a cortejá-las e unirem-se a elas.

PAES, 1990, ressalva que o erótico não se confunde com o pornográfico, sendo este um perseguidor dos efeitos imediatos da excitação sexual enquanto o erótico, mesmo que possa suscitar efeitos semelhantes, não se apoia neles para existir. “O que ele busca, antes e acima de tudo, é dar representação a uma das formas da experiência humana: a erótica.” (PAES, 1990, p.14) A palavra que PAES emprega é “experiência”, e na antiguidade as emoções e estados humanos são encarnados em divindades, fato retratado linguisticamente, por exemplo, em: sou tomado pelo sono, ao passo que em português o sentir sono é interno ao sujeito que diz “eu sinto sono”. Assim como o sono, o amor também atua ativamente na vida humana e a denominação da divindade é *eros*, de onde provém o termo erótico, ou seja, situações, estados e sentimentos propiciados e relacionados a *eros*. Relembrando Foucault, o autor explica que embora houvesse uma grande liberdade de costumes entre os gregos, no tangente à representação dos atos sexuais, os gregos apresentam uma grande reserva em suas obras escritas, mesmo nas de cunho erótico. (PAES, 1990, p.17)

## Materiais e métodos

Os materiais empregados para o estudo foi primeiramente a edição crítica da LOEB Classical Library, organizada por Willian Rogen Paton, como texto fonte dos originais. Posteriormente, a seleção de dicionários e gramáticas bases para o levantamento vocabular. Contamos com os cinco volumes do Dicionário Grego-Português de Daisi Malhadas e Maria Consolin Dezotti, além do volume único de Isidro Pereira como fontes de pesquisa lexical em língua portuguesa; alguns termos foram cogitados com o *Dictionnaire grec-français* de Anatole Bailly, e com o *English-*

*Greek Lexicon* de Lindell e Scott. Foi utilizada ainda, gramáticas gregas de apoio como a de Henrique Murachco e a tradução da obra de Elói Ragon. O método consistiu na pesquisa minuciosa das formas lexicais e morfossintáticas do texto grego seguida da tradução acadêmica, não buscamos efeitos estéticos próprios da poesia e sim o paralelo semântico entre os textos.

## Resultados e Discussão

A numeração dos poemas segue a de sua catalogação no livro V da Antologia Palatina.

Neste primeiro poema de Rufino, percebemos a exaltação da beleza de Melissa, invocando Praxíteles e Polícleto, os grandes escultores da Grécia antiga, para que retratem os traços e as qualidades da bela Melissa, que se igualaria em beleza às divindades. Neste epigrama, vale destacar o uso das interrogações forçando uma interlocução, mesmo que retórica; são, pois, indagações que poderiam ser lidas como desespero ou indignação frente ao descaso de tamanha beleza da cortesã não eternizada em mármore ou metal.

### 15. Rufino

E agora, onde está Praxíteles? E as mãos de Polícleto,  
que concederam o sopro da vida às obras de arte do passado?  
Quem reproduzirá a imagem dos cheirosos cachos de Melissa,  
ou de seus olhos semelhantes ao fogo e do esplendor de seu pescoço?  
Onde está o artesão? Onde estão os escultores? É apropriado  
às suas formas possuírem um templo, assim como as estátuas divinas.

Neste segundo poema, já podemos perceber uma situação diferente: uma cortesã ativa e esnobe em sua juventude, se encontra, no momento da enunciação do epigrama, em decadência sem os adornos e a beleza de outrora. Comparando com o anterior, as interrogações são empregadas em confronto direto com a cortesã, como se fosse até uma provocação do eu-lírico para a cortesã que já não tem capital para se orgulhar e esnobar outrem.

### 27. Rufino

Onde estão, Melissa, o dourado e o brilho  
Da tua beleza tão comentada por todos?  
Teu cenho arrogante, espírito orgulhoso, pescoço esbelto  
E os enfeites folhados a ouro de teus tornozelos?  
Agora, a cabeleira mísera e ressecada; trapos nos pés:  
Eis o fim das devassas cortesãs.

Este último se aproxima mais do primeiro, girando em torno da exaltação da beleza de Melissa, cuja a mínima contemplação ou aproximação é suficiente para o maior deleite e honra. Não seria de estranho lembrar o tom de uma canção trovadoresca de amor ao ler este epigrama.

94. Rufino

Tu tens, Melissa, os olhos de Hera, os Braços de Palas Atena,  
Os seios da Afrodite Páfia, os tornozelos de Tétis.  
Feliz aquele que a vê; bem-aventurado se te escuta;  
Semideus o que te beija; imortal se te desposa.

## Conclusões

Através das análises transparece que o erótico dos casos analisados são situações relacionadas a *Eros*, seja na admiração e exaltação do amor a determinada cortesã ou na descrição da decadência da mesma, o erótico da antologia palatina pode assumir grande sutileza ou ironia, demonstrando a versatilidade de composição do gênero. Os três casos apresentados e comentados são do poeta Rufino e dos três, dois apresentam temática de exaltação da beleza da cortesã, como em outros epigramas seus que não entraram como exemplo. As composições epigramáticas nos apresentam uma outra concepção de erotismo, e várias práticas e situações que propiciam um melhor entendimento da antiguidade helenística. Assim, dada a baixa circulação de textos em português do referido período, traduções e comentários a tais composições abrem um campo ainda pouco explorado no Brasil.

## Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e à Fundação Araucária, pela bolsa de estudos e auxílio financeiro que possibilitou a dedicação integral ao Programa institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

## Referências

- PAES, J. P. **Poesia erótica em tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ROCHA PEREIRA, M. H. **Estudos de história da cultura clássica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. Volume I.
- SALLES, C. **Nos Submundos da Antiguidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983
- SILVA, L. C. A. M. Lírica erótica grega: alguns lugares-comuns. In: CONALI – Congresso Nacional de Linguagens em Interação, IV., 2013. **Anais** Maringá, UEM, 2013.